

ISSN 0870-4147

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

Revista Portuguesa de História

TOMO XXII



COIMBRA/1985

UM EMISSÁRIO POLACO EM PORTUGAL EM 1865

A INSURREIÇÃO DA POLÓNIA (1863)
E O AUXÍLIO PORTUGUÊS AOS REFUGIADOS (*)

O título deste artigo é uma paráfrase do título de um artigo do coronel Ferreira Lima — indiscutível pioneiro de investigações das relações luso-polacas — publicado há quarenta anos ⁽¹⁾. Paráfrase intencional, visto o protagonista de ambos os artigos ser o mesmo: o padre Carlos Mikoszewski, que usava o pseudónimo de *X. Sykstus*.

Mikoszewski intitulava-se ex-membro do Governo Nacional Provisório da Polónia, Cónego honorário, Vigário de Zelazna e Presidente da Comissão Eclesiástica de Socorros Fraternalis para os polacos desterrados. Efectivamente, fez parte, durante algum tempo, do Governo revolucionário clandestino criado pela Insurreição polaca contra a Rússia, que rebentou em 21 de Janeiro de 1863. Como sacerdote, era vigário da paróquia de S. Alexandre, em Varsóvia, cargo ao qual estava ligado o título de cónego honorário da Sé de Varsóvia, e que foi obrigado a abandonar quando a polícia russa começou a interessar-se por ele, por causa dos seus sermões patrióticos. Foi então nomeado vigário de

(*) Os meus agradecimentos ao Prof. Dr. P.^o Avelino de Jesus da Costa, pela identificação de algumas personagens bracarenses; ao Prof. Dr. Luís Ferrand de Almeida, pela benévola crítica deste empreendimento ; aos PP. Marianos de Fowley Court e, particularmente, ao P.^o Jorge Predko pela fotocopia das *Memorias* de Mikoszewski, e à Dr.^a Liba Mucznik, da Biblioteca Nacional de Lisboa, pelas pesquisas e fotocopias de materiais na imprensa portuguesa da época.

⁽¹⁾ Ferreira Lima, Henrique de Campos: *Um sacerdote polaco no Porto, em 1865*, in «O Tripeiro», 5.^a série, ano 4.^o, n.^o 1, Porto, Junho-1948., pp. 33-35.

Zelazna — uma pequena aldeia na Polónia central — mas, praticamente, não chegou a ocupar o seu novo posto e passou à clandestinidade.

O Governo revolucionário decidiu então que devia abandonar o país. Em Dezembro de 1863 Mikoszewski atravessou a fronteira entre a parte da Polónia sob domínio russo — onde continuava a insurreição — e a parte austríaca, seguindo para Viena, onde o nuncio apostólico lhe emitiu um passaporte papal, com o qual se dirigiu à Bélgica e à França, vindo a fixar residência em Paris. Aí fundou a mencionada Comissão de socorro aos polacos desterrados, — organização bem necessária, visto que, entretanto, a insurreição foi dominada pelos Russos e a Europa ocidental (particularmente a França) tinha de hospedar um sempre crescente afluxo de refugiados polacos. Evidentemente, a actividade de Mikoszewski era vigiada, com desagrado, pela embaixada russa, do que resultou uma ordem do Governo francês para sair de França no prazo de 24 horas.

No fim de Dezembro de 1864 Mikoszewski abandonou a capital francesa, dirigindo-se à Espanha e a Portugal, donde, em Janeiro de 1866, partiu para a América do Sul. Aqui vamos ocupar-nos somente da sua estadia em Portugal, aonde tinha chegado em 1 de Junho de 1865, após uma acidentada viagem.

Num *Relatório* que publicou em 1868 ⁽²⁾, já regressado da viagem, e do qual vamos ainda falar em seguida, Mikoszewski apontou dois objectivos na sua peregrinação: primeiro, como testemunha ocular, informar vários povos da «opressão moscovita» de que sofria a Polónia; em segundo lugar, angariar fundos para fins patrióticos. Conforme ele próprio diz, a realização do primeiro intuito era fácil, tendo em conta a simpatia geral manifestada «por todos os espíritos nobres» para com os Polacos; quanto ao segundo, encontrou dificuldades, provocadas, de um lado, pelos Russos, e, do outro, por polacos, adversários políticos.

Logo na Espanha sentiu estas influências adversas, mas, além

(2) *Sprawozdanie z funduszów zebranych przez Ksiedza Mikoszewskiego w czasie jego podróży po Południowej Europie i Południowej Ameryce* («Relatório dos fundos reunidos pelo Padre Mikoszewski durante a sua viagem pela Europa meridional e a América do Sul»), in «Głos Wolny» (Voz livre), n.ºs 174-175, Londres, 10 de Maio de 1868, pp. 704-706.

disso, sofreu as consequências dos distúrbios políticos que abalaram a maioria dos países visitados. No mencionado *Relatório* diz: «Cheguei a Espanha num período muito agitado, quando todo o país estava em desordem. Todos estavam demasiado ocupados com os problemas da própria pátria para que os problemas alheios, mesmo dos mais simpáticos, os pudessem preocupar. Em Portugal, pelo contrário, onde reinava a calma, fui acolhido com simpatia; especialmente os habitantes do Porto manifestaram grande benevolência para com a nossa causa e responderam com afã aos meus apelos».

Foi mérito inegável de Ferreira Lima o ter tirado do esquecimento a personagem de Mikoszewski e lembrado a sua estadia em Portugal, mas a barreira linguística vedava-lhe o acesso às fontes polacas, aliás pouco conhecidas e dispersas. Assim, utilizou para o mencionado artigo só duas fontes portuguesas: um apelo de Mikoszewski publicado no jornal lisboeta *Independencia Nacional* (3) e uma brochura editada no Porto durante a estadia do sacerdote naquela cidade, intitulada *Esboço Biographico* de Mikoszewski (4), com várias informações sobre a Polónia, mas poucas sobre o biografado.

Só pouco antes da última guerra é que um colecionador polaco descobriu num convento de Budapeste o manuscrito das *Memórias* de Mikoszewski, falecido em 1886 naquela cidade (5). O manuscrito foi salvo das vicissitudes da guerra e encontra-se actualmente na Inglaterra. Aí o explorou o Dr. Ryszard Bender, professor da Universidade Católica de Lublin (Polónia), que publicou vários artigos sobre Mikoszewski na imprensa católica polaca e, em 1982, uma extensa biografia (6).

(3) *Independencia Nacional*, Lisboa, 17 de Julho de 1865.

(4) M. e F. : *Esboço biographico de Carlos Mikoszewski. Ex-membro do Governo Nacional Provisorio da Polonia, Cone go honorario, Vigário de Zelazna e Presidente da Comissão Ecclesiastica de Soccorros Fraternaes para os polacos desterrados*, Porto, 1865, Typographia Commercial, 48 pp.

(5) Mikoszewski, Ks. Karol: *Pamiętniki* (Memórias). Quatro volumes em manuscrito do autor: vol. i (1862-1863), 265 pp.; vol. n (1865-1869), 161 pp.; vol. li, 126 pp.; vol. iv, 126 pp. Arquivado no convento dos PP. Marianos, em Fowley Court, Henley on Thames, Ingl.

(6) Bender, Ryszard: *Ksiadz Karol Mikoszewski (X. Sykstus), 1832-1886*, Varsóvia, 1982, Osrodek Documentad i i Studiów Spolecznych, 252 pp.

Servindo-me desta obra como guia, consegui obter uma fotocópia do capítulo dedicado à estadia de Mikoszewski em Portugal e vários materiais dispersos em jornais da época, tanto polacos como portugueses. A seguir dou a tradução integral do referido capítulo, que ilustra bem as dificuldades encontradas pelo autor no nosso país, provocadas por influências vindas do estrangeiro, e o carinhoso acolhimento dispensado pela grande maioria dos Portugueses.

«A MINHA ESTADIA EM PORTUGAL (7).

Parece que em nenhuma outra região, passando de um país vizinho a outro, o viajante nota tão grande diferença entre as nações como em Espanha e Portugal. Os espanhóis, uma nação arrojada, valente, viva, formosa, alegre; os portugueses, taciturnos, como se estivessem preocupados unicamente com o comércio, e as mulheres em nada atraentes, indiferentes, frias, numa palavra, feias. A cara e o olhar do espanhol são brilhantes, escuros, misteriosos, imperativos, enquanto o rosto e o olhar do português são tristes, morenos, sem vida. Mas isso são apenas características exteriores, típicas das duas nações. Sob o ponto de vista do sistema político e social, os portugueses são muito superiores aos espanhóis.

Em Lisboa fui muito bem acolhido pela imprensa. Todos os jornais se exprimiram favoravelmente a respeito do viajante expatriado em busca de auxílio para os seus infelizes irmãos. O senhor Teixeira de Vasconcellos, redactor-chefe da grande Gazeta de Portugal, publicou alguns artigos sobre a Polónia, que provam que ele conhece o nosso passado histórico. O senhor João Crisóstomo Melício, jornalista de grandes talentos e de um coração nobre, prestou-me muitos serviços. Francisco Freire da Silva, presidente do clube, manifestou a maior simpatia para com a nossa miséria. O nosso compatriota José Carlos Chelmicki (8),

(7) Mikoszewski: *op. cit.*, pp. 58-66 (A. Z.).

(8) José Carlos Conrado Chelmicki, oficial na insurreição polaca de 1830-1831. Alistou-se no exército português em 1833 como alferes de engenharia, ascendendo em 1876 ao grau de general de divisão. Na altura da estadia de Mikoszewski era major. Ver Ferreira Lima, *Legião Polaca*

emigrado do ano 30, engenheiro principal da cidade de Lisboa, apoiou-me com os seus conselhos e apresentou-me a algumas pessoas influentes. O conde de Rio Maior, católico fervoroso, para o qual tive uma carta de recomendação da Espanha, recebeu-me da melhor maneira e prometeu-me a sua protecção. Parecia-me que nesta cidade o principal intuito da minha viagem ficara coroado de sucesso. Mas aconteceu de outra maneira.

No dia 9 de Junho (1865) apresentei-me ao arcebispo Patriarca de Lisboa ⁽⁹⁾. Deu ordem para me ser passada uma autorização de poder cumprir os meus deveres sacerdotais, mas negou-se a recomendar ao clero e aos fiéis a minha missão enquanto eu não fosse recomendado pelo núncio papal residente em Lisboa ⁽¹⁰⁾. Dirigi-me então à residência do núncio, mas este não quis falar comigo, limitando-se a mandar para falar comigo o seu secretário. Este declarou-me que o núncio não me podia dar protecção alguma, visto não possuir uma carta de recomendação de Roma. Depois de uma prolongada conversa, revelou que Sua Excelência tinha a meu respeito, de pessoas suas conhecidas, umas informações pouco favoráveis. Quais eram estas denúncias e de quem provinham foi-me recusado saber. Mas quando lhe mostrei os meus numerosos documentos de reconhecimento, provenientes tanto dos meus compatriotas como dos bispos de França, Bélgica e Espanha, nomeadamente o último, assinado pelo secretário do arcebispo de Toledo, em que qualificava as acusações contra mim de intrigas e calúnias, passou a falar comigo mais afavelmente e prometeu mostrar os meus documentos ao núncio. No dia seguinte fui informado de que Sua Excelência não me podia recomendar, mas não faria nada para prejudicar a minha missão. Fiquei entristecido com esta resposta, mas deixei de incomodar o velho Patriarca, rodeado, como ouvi dizer, por pessoas de orientação jesuítica.

Não demorando mais em Lisboa, tanto mais que não pude aí formar uma comissão composta por pessoas de influência (o conde de Rio Maior recusou-me qualquer protecção em consequência de

ou Legião da Rainha Dona Maria Segunda (1832-1833), 2.^a ed., V. N-de Famalicão, 1936, p. 22 (A. Z.).

⁽⁹⁾ Cardeal patriarca de Lisboa: D. Manuel Bento Rodrigues (A. Z.).

⁽¹⁰⁾ Núncio apostólico em Lisboa: D. Inocêncio Ferrieri, arcebispo de Sida (A. Z.).

intrigas dos jesuítas), dirigi-me — seguindo os conselhos dos meus amigos *— ao Porto, uma das cidades mais ricas e maiores depois de Lisboa. Aqui tive o melhor acolhimento. O bispo do Porto ⁽¹¹⁾ deu-me uma esmola e, por meio de uma carta, em palavras muito amáveis, recomendou a minha missão. Os redactores dos jornais, nomeadamente o redactor do Jornal do Porto, proporcionaram-me a sua protecção particular. Lamento que, por não ter à mão os meus apontamentos de viagem, não me seja possível enumerar os meus benévolos amigos. Em seguida ao meu apelo foi formada uma comissão com o nome de luso-polaca, composta por pessoas de primeira categoria. O conde de Samodães, par do Reino e, mais tarde, ministro das Finanças, foi o seu presidente. Este homem de grande sabedoria e nobreza prestou-me grandes serviços. O visconde de Trindade e o jovem poeta Freitas Júnior ⁽¹²⁾ eram os vogais. Foram eles que publicaram um apelo aos seus compatriotas, pedindo que auxiliassem a minha missão. Cada um dos habitantes dava a sua esmola, mesmo que fosse de pequeno valor. Quando a alguns deles contei os desgostos que sofri em Lisboa, da parte do arcebispo e do nuncio, responderam-me que era melhor não ter eu recomendações, especialmente de Roma. Os párocos do Porto manifestaram-me grande simpatia. Aos domingos e dias santos celebrei missas solenes em várias igrejas, durante as quais personagens de relevo da cidade fizeram a colecta. Entre estes nobres amigos quero recordar aqui o pároco padre Luís Moreira Maiada (ser), orador célebre, que do púlpito dedicou numerosas palavras à causa polaca. À despedida, ofereceu-me a sua fotografia, com a seguinte dedicatória: «In signum venerationis eximii sacerdotis, tantaeque pietatis viro illustrissimo Carolo Mikoszewski». A seguir, na mesma fotografia, escreveu em verso: Se em naçoens hou viera (s;c) / Vosa virtude e civismo / A Polonia não jasêra / No mais atroz despotismo / Nem seria profanado / Nosso culto immaculado ⁽¹³⁾.

⁽¹¹⁾ Bispo do Porto: D. João de França Castro e Moura (A. Z.).

⁽¹²⁾ No manuscrito de Mikoszewski, à expressão «jovem poeta» seguem-se as palavras «cujo nome hoje não me lembra», que foram riscadas e substituídas por «Freitas Júnior» (A. Z.).

⁽¹³⁾ No manuscrito segue-se uma tradução livre destes versos em polaco (A. Z.).

A senhora baronesa de Fornos, parente do conde de Samodães, uma dama nobre, fez-me lembrar os dias felizes passados no seio da minha família, pelo que lhe expressei, ao deixar o Porto, os meus agradecimentos.

Um dos jovens escritores, cujo nome infelizmente esqueci ⁽¹⁴⁾, publicou impressa a minha biografia, com um retrato meu e o título: Esboço biográfico de Carlos Mikoszewski, Conego honorario, Presidente do Comité Polaco, Ex-miembro (*sic*) do Governo provisório da Polonia. Nela dedicou muitas páginas à história da Polónia.

A partir do Porto visitei algumas cidades do Norte de Portugal, onde fui alvo do melhor acolhimento. Em todas os mais importantes cidadãos formaram comissões e recolheram esmolas em favor da minha missão. Em Braga o arcebispo ⁽¹⁵⁾ tratou-me com frieza e proibiu que fizesse colectas nas igrejas. Não há dúvida que uns boatos desfavoráveis, vindos de Lisboa, tinham chegado aos seus ouvidos. Quando souberam isso, os habitantes da cidade, incluindo o clero, ficaram muito indignados. Um dos jornais, redigido por um cônego da Sé, publicou no dia seguinte um artigo a exprimir surpresa e perguntando com que direito o arcebispo se atrevia a proibir aos habitantes que manifestassem a sua simpatia para com os infelizes polacos. Nesta terra a opinião pública pesa muito. Nenhum dignitário pode menosprezá-la sem provocar uma justa crítica e o conseqüente desdém. Surpreendeu-me muito, mas também me agradou, o facto de um sacerdote considerado subalterno julgar com toda a severidade um acto do seu superior. Devo acrescentar aqui que da comissão de apoio à minha missão faziam parte, apesar da hostil atitude do arcebispo, o arcediogo da Sé, dois cônegos da mesma e um pároco que gozava da melhor reputação.

No dia seguinte a esta manifestação, o arcebispo mandou ao meu encontro o seu secretário, que me entregou em nome de Sua Excelência cinco libras esterlinas (125 fr.), exprimindo ao

⁽¹⁴⁾ Ver a nota 12. Provavelmente o autor do *Esboço é o* Freitas Júnior aí mencionado. Suponho que as letras «M. e F.», na capa do *Esboço*, significam: *M*, o próprio Mikoszewski, e *F* o referido Freitas (A. Z.).

⁽¹⁵⁾ Arcebispo-primaz de Braga: D. José Joaquim de Azevedo e Moura (A. Z.).

mesmo tempo a sua surpresa por eu me sentir ofendido pela maneira como me recebeu o arcebispo. Acrescentou que este não me tinha negado a autorização de proceder a uma colecta nas igrejas, mas somente julgava que eu podia angariar maior número de esmo-las se a comissão visitasse as moradas dos habitantes, em vez de fazer um peditório nos templos. Evidentemente, agradei ao secretário a oferta e os bons votos do arcebispo, mas quando ele sugeriu que eu rectificasse o mal-entendido com uma declaração nos jornais, esquivei-me, prometendo só que no dia seguinte publicaria nos periódicos que Sua Excelência se tinha dignado oferecer-me cinco libras esterlinas, o que publicamente agradecia. Fiz o que prometi, mas um jornal, protegido pelo arcebispo, não se contentou com isso. Este jornal publicou um artigo dizendo que o cónego polaco estava muito entristecido pelo facto de alguns periódicos terem ousado afirmar que fui mal recebido por Sua Exce-lência. Por estas afirmações fiquei entre Scylla e Charybdis. Os adversários do arcebispo insistiam para que eu protestasse contra as afirmações do jornal amigo do arcebispo, mas, depois de uma prolongada discussão, convenci os meus amigos de que devia passar todo este incidente em silêncio.

Estive em Braga no dia 5 de Outubro de 1865, como o prova um documento passado pelo arcebispo, nos seguintes termos: «Pode R.^{mo} Supp.^e celebrar o Sancto Sacrif^o da missa neste Arce-bispado por três messes (*sic*) apresentando esta aos R.^{dos} Parochos en cujas Egrejas celebrar».

A cidade de Guimaraes deixou-me agradáveis recordações. Em três dias angariei mil francos. Lamento não ter fixado os nomes dos membros da comissão, que me prestaram os maiores serviços.

O bispo de Lamego ⁽¹⁶⁾ e o arcebispo de Évora ⁽¹⁷⁾ receberam-me com a maior hospitalidade. Os habitantes deram-me provas de muita simpatia. Celebrei missas solenes em igrejas nas quais a assistência não cabia. Cada um queria receber de mim uma lembrança ou uma bênção. Distribuí a todos fotografias minhas ou de [assuntos] polacos. A cidade de Évora foi, em

⁽¹⁶⁾ Bispo de Lamego: D. António da Trindade de Vasconcelos Pereira de Melo (A. Z.).

⁽¹⁷⁾ Arcebispo de Évora: D. José António da Mata e Silva (A. Z.).

tempos, a sede da Inquisição. Todos os instrumentos de suplício ali estão conservados. Visitei a sala onde as vítimas da barbaridade eram introduzidas e fiquei arrepiado ao ver as diferentes tenazes que serviam para atormentar o corpo humano, deitado numa cama de torturas. Como nós somos felizes por não vivermos na época do fanatismo e podermos exprimir as nossas convicções religiosas. Oxalá viessem os tempos em que pudéssemos manifestar livremente as nossas aspirações sociais. Na verdade, só então a humanidade poderá dar a imagem de uma vida feliz.

Regressando ao Porto da visita às várias cidades, agradei, num acto solene, a esta cidade pela sua nobre atitude, solicitando a Deus, em fervorosas orações, que abençoasse os seus habitantes. Grassava naquela altura em Portugal a cólera. Por especial coincidência, nenhum dos amigos dos nossos desterrados morreu. No meu discurso de despedida mencionei esta circunstância. Então, alguns dos meus amigos observaram ser pena não ter eu lembrado mais cedo esta divina mercê; teríamos então reunido centenas de contos, porque todos teriam dado uma esmola para evitar a visita do anjo da morte. Respondi que não me atrevia a tentar Deus, mas agora tenho a plena convicção de que quem ajuda os infelizes fica sob especial protecção divina.»

Mikoszewski despediu-se de Portugal no dia 13 de Janeiro de 1866, embarcando no paquete inglês *Rhon* em direcção ao Brasil. Os pormenores da sua viagem pela América do Sul ultrapassam os limites deste artigo. Bastará dizer que visitou o Brasil, a Argentina, o Uruguai, o Chile e o Peru, seguindo para os Estados Unidos, onde entrou no começo de 1868. Daí embarcou no fim de Janeiro do mesmo ano para a Inglaterra, aonde chegou precedido da fama de ser «muito rico». Talvez sob a pressão da opinião pública, redigiu um pormenorizado relatório dos resultados financeiros da sua viagem, que publicou no jornal *Glos Wolny*, já mencionado (ver nota 2). Eis a parte referente a Portugal:

«a) Lisboa — Recebi por intermédio dos jornais «Commercio» e «Nação», assim como de um pequeno número de pessoas 240.460 reis.
Podia ter reunido mais, sem comparação, se o núncio papal e o

patriarca de Lisboa quisessem apoiar a minha missão. Alguns dias antes de deixar aquela capital, certos cidadãos manifestaram-me muita compaixão e exprimiram a sua dor por eu não ter encontrado a simpatia que os habitantes sentem pela Polónia. No fim, estes nobres senhores prometeram-me apelar, no futuro, para os lisboetas e formaram uma comissão permanente composta pelos seguintes cidadãos: Carlos J. Barreiro, M. J. C. Melício, Eduardo Coelho, Francisco Vieira da Silva, general Norberto Rudzki ⁽¹⁸⁾ e José M. da Silva e Albuquerque.

b) Porto — Encontrei nesta cidade grande compaixão e os seus habitantes reuniram 664.475 reis.

Entre os amigos da Polónia no Porto, que se revelaram os mais benévolos e activos, devo agradecer publicamente ao conde de Samodães, ao visconde de Trindade, aos senhores H. C. Miranda, J. J. Rodrigues de Freitas, ao bispo do Porto, ao pároco da freguesia de S. Ildefonso, P.^e Luís Moreira Maia de Silva, e à senhora baronesa de Fornos, assim como aos redactores dos jornais «O Comercio», «Diario Mercantil», «Braz-Tisana», «Dereito» (*sic*), «Jornal do Oporto» (*sic*), que nas colunas dos seus periódicos se exprimiram com toda a simpatia para com a nossa causa. Na altura da minha partida do Porto, os mais destacados cidadãos daquela urbe reuniram-se em casa do visconde de Trindade e formaram uma comissão permanente para os assuntos polacos, sob a presidência provisória do conde de Samodães.

c) Lamego — Durante os poucos dias da minha estadia nesta cidade foram-me entregues 101.000 reis (Ver o número do jornal «Commercio d'Oporto» de 16 de Setembro de 1865).

d) Braga — Por minha solicitação, os habitantes desta cidade escolheram uma comissão que se encarregou de recolher colectas. Com gratidão recordo os nomes daquelas honradas pessoas que sacrificaram para este fim o seu tempo, a saber: o arcepreste António Vaz Seabra, o cónego António Lopes Figueiredo, António Vieira d'Araujo Junior, Miguel José Raio e o pároco José da Motta Pimentel. Um auxílio não menos nobre me foi pres-

⁽¹⁸⁾ Oficial na insurreição polaca de 1830-1831. Em 1833 era tenente no exército português, promovido a capitão de artilharia em 1838. Ver Ferreira Lima, *Legião polaca* (...), p. 26. Não pude confirmar se atingiu o posto de general (A. Z.).

tado pelos senhores Pereira Calvas [*sic*, por *Caldas*], Pereira Castro, A. M. de Fonseca e Valladares. O resultado das subscrições publicado no jornal «Bracarense» de 26 de Outubro de 1865 foi o seguinte :

Soma entregue directamente em mão do P. ^e Mikoszewski	42 020 reis
Soma reunida pela comissão	211 020 reis
Soma reunida por intermédio do jornal «Bracarense»	6 750 reis
<i>Total</i>	259 800 reis

e) Guimaraes — Os seguintes cidadãos solicitados a formar uma comissão em proveito da causa polaca esforçaram-se, com compaixão e dedicação, por nos ajudar: o arcipreste da colegiada Francisco Rodriguez-Cardozo d Assis, o cónego José d Aquino Vellozo de Segueira [*sic*], o cónego Emanuel Leite, José Leite de Faria Sampaio, Clemente José de Mello, Antonio J. Pinheiro de Miranda, Francisco J. de Casta (*sic*) Guimaraes, Domingos Antonio de Freitas e Pedro Lopez Guimaraes. A quantia reunida por eles, segundo prova o documento depositado, ascendia a 253 090 reis

f) Valença—Esta vila entregou por intermédio do cónego José Alfonso Pereira, Francisco Marinha Fallaô [*Marinho Falcão*], Antonio Simplicio Santa Clara, Vicente Fragozo e Miguel Augusto da Cunha Sampaio a soma de..... 31 345 reis

g) Caminha —■ Ao passar por esta cidade, solicitei ao venerável e compadecido António Tetal (*sic*) Carneiro, José de Vellas Boas (*sic*) e P.^e Paulo J. Ruez (*sic*) d'Oliveira que tratassem de uma colecta, a qual deu..... 28 320 reis.

h) Vianna—A soma reunida nesta cidade ascendeu a 233 030 reis, conforme foi publicado no jornal «Viannense» do dia 7 de Novembro de 1865. Este resultado deve-se aos senhores Francisco da Rocha Pariz, Baltazar Werneck Ribeiro e Aguilar e ao P.^e Manuel da Ressurrecção Sabreira (*sic*).

i) Barcellos — A quantia reunida nesta cidade pelos veneráveis padres Antonio da Porta Paiva e Antonio J. Monteiro soma..... 83 790 reis.

k) Coimbra — Não pude formar uma comissão nesta cidade,

mas os estudantes da Universidade e algumas pessoas favoráveis à Polónia entregaram-me..... 40 920 reis.

L) Aveiro — A quantia reunida nesta cidade ascende a..... 30 935 reis.

Prestaram-me uma benévola ajuda, com este intuito, o cônego José J. Carvalho Goes e H. D. Agostinho Pinheiro da Silva.

m) Santarém — Os nobres cidadãos José Joaquim da Silva e cônego Augusto Henriquez prestaram-me grandes serviços e a soma reunida ascendeu a..... 86 100 reis.

n) Beja — O redactor do jornal «Bejense» P.^e José Basile (*sic*) e o sr. Joaquim Baptysta Ribeiro trataram da subscrição e entregaram-me a quantia de 14 260 reis.

o) Évora — Por intermédio dos srs. dr. Manuel de Paula de Rocha Viana e Inácio de Britto Pardelha reuni nesta cidade 119 930 reis».

O total destas quantias ascende a 2 187 395 réis. Bender indica no seu citado livro que a 1000 réis correspondia a soma de 53,25 *dinheiros*. Aceitando este câmbio, a importância reunida por Mikoszewski em Portugal equivalia a cerca de 485 libras esterlinas, — naquela época libras-ouro, — o que corresponderia hoje a cerca de 7500 contos.

Podíamos terminar aqui a nossa narrativa. Mas vale talvez a pena anotar as posteriores peripécias da vida de Mikoszewski.

Chegado a Londres, adaptou-se mal ao ambiente britânico, e, passado apenas um mês, seguiu até Paris. Mas aí foi mal recebido, tanto pelos seus compatriotas como pela polícia. Tendo experimentado várias dificuldades, abandonou a França ainda no mesmo ano de 1868 e dirigiu-se a Roma, onde alguns dos seus amigos lhe fizeram vislumbrar a possibilidade de ser nomeado bispo titular (*in partibus infidelium*), o que se revelou mera ilusão. Mikoszewski era considerado um esquerdistas e revolucionário, admirador de Garibaldi, que advogava a unificação da Itália, — consequentemente a abolição do Estado pontifício, — o que o tornava suspeito aos olhos do Vaticano.

Quando Mikoszewski dirigiu duas cartas, que foram consideradas insultuosas, ao cardeal Patrizzi e ao próprio Papa, a sua estadia em Roma tornou-se impossível. Mudou então para Genebra. Amargurado e desiludido, começou a advogar ideias de um

entendimento dos Polacos com a Rússia. Publicou várias brochuras e escreveu até umas cartas ao Tsar, que ficaram, aliás, sem resposta.

Finalmente, decidiu voltar à Polónia, encorajado nisso pela embaixada russa. Recebeu então o necessário visto, embora sem quaisquer promessas. O resultado foi este: quando atravessou a fronteira entre as zonas da Polónia austríaca e russa, foi preso e, sob escolta militar, levado a Varsóvia, onde ficou detido na cidadela. Acabou por ser deportado, em 15 de Abril de 1874, para o interior da Rússia, onde permaneceu até fins de 1885, sofrendo extrema miséria. Só então o autorizaram a abandonar o país. Fixou residência em Budapeste, capital da Hungria sempre amiga dos Polacos, e aí morreu no ano seguinte. Assim se explica o facto de as suas *Memórias* terem sido encontradas nessa cidade.

ADAM ZIELINSKI